



Memória e Ditadura: Diálogos com a Literatura

Luanna Michaelly Soares Rodrigues Vieira¹; José Edilson de Amorim²

Resumo: O objetivo do presente texto é apresentar as potencialidades da literatura no que se refere a capacidade de (re)elaborações de memórias de prisões políticas e tortura no Brasil. Neste artigo será feita uma reflexão de uma memória doída e traumática, tomando a literatura como testemunho e fonte histórica, será considerado produções literárias como o poema “ Os primeiros tempos da tortura” Alex Polari, para esta análise. Para tecer tais reflexões serão acionadas perspectivas importantes no campo discutido, a exemplo de BOSI (1996) DUFRENNE (1969) e ADORNO (2003).

Palavras- Chave: Literatura; Memória; Ditadura

Memory And Dictatorship: Dialogues with the Literature

Abstract: The purpose of this text is to present the potential of the literature with regard to the ability to (re) elaborate memories of political prisons and torture in Brazil. In this article, a reflection of a painful and traumatic memory will be made, taking literature as a testimony and historical source, it will be considered literary productions such as the poem “The first times of torture” Alex Polari, for this analysis. To weave such reflections, perspectives will be triggered important in the field discussed, such as BOSI (1996) DUFRENNE (1969) and ADORNO (2003).

Keywords: Literature; Memory; Dictatorship

Literatura e Sala de Aula

Sabemos que nosso contexto social e pedagógico “apontam para a necessidade de uma aproximação mais efetiva com o texto, aspecto que em si pressupõe aulas mais participativas e menos expositivas” (ALVES, 2014, p.110).

¹ Graduada em História pela UFCG, Especialista em ensino e Mestranda em Linguagens e Ensino PPGLE-UFCG. Email: luannamichaellysr@gmail.com;

² Doutor em Letras pela UFPB e professor da UFCG em Literatura Brasileira. Email: edilsondeamorim@gmail.com.

Sabe-se que as relações de influência da História e Literatura em sala de aula, entre outras questões, está diretamente ligada à preocupação com a elaboração de um conhecimento histórico significativo e de qualidade, sabendo que “o processo de conhecimento é a grande aventura e o grande desafio que o educador enfrenta quando prepara as suas aulas e quando as desenvolve com os seus alunos” (RUIZ, 2007, p.75). E essa realidade no espaço do Ensino Médio precisa de atenção e muito empenho.

Compreendemos que estudar história no Ensino Médio integra a busca constante de compreensão do universo e das realidades. Nesse sentido, a literatura é uma aliada imprescindível para estudar história, uma vez que “cabe a literatura tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”. (COSSON, 2006, p. 17). Partindo dessa afirmação, cabe destacar que História e Literatura juntas nas salas de aula são capazes criar e recriar sentidos históricos e sociais, buscando a construção de um conhecimento histórico por meio da problematização do vivido e da busca de elementos explicativos desse vivido no passado.

É imprescindível considerar que o discurso literário é um findo tecido cultural e ao falar de cultura acionamos a ideia de história, já que “a história é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e cultural” (PROST, 1998, p.136). Assim sendo, traz em seu bojo a denúncia de conflitos e tramas sociais e políticas muito cara ao pesquisador.

O professor de História, ao trazer literatura para suas aulas precisa considerar que a linguagem literária é tecida com os fios da essência humana e social, assim eterniza sensibilidades, entendida como “as manifestações do pensamento e do espírito, pela qual aquela relação originária é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis e contínuos” (PESAVENTO, 2007, p.10). Desse modo, toda sensibilidade é um produto de um espírito e de uma personalidade que fala a partir de um espaço de poder e de elaboração.

Sabemos que a disciplina de história exerce um importante papel na formação da cidadania dos alunos, haja vista sua percepção crítica do mundo e dos fatos que permearam nosso percurso histórico. Assim aliada a literatura a História tem um compromisso grande em oferecer novas formas de pensar um determinado assunto e despertar nos alunos o espírito reflexivo e questionador.

O prestígio que a literatura possui dentro da historiografia se relaciona ao fato de que

A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua “Poética”, ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a

narrativa dos fatos verídicos. Mas o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado — logo, tomando o não-acontecido para recuperar o que aconteceu! — como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção! (PESAVENTO, 2006, p.03)

Assim sendo, em termos metodológicos e discursivos o texto literário é uma valiosa ferramenta de análise para o historiador, mesmo não trabalhando com a veracidade absoluta dos fatos a literatura é um ponto de contato com concepções, interpretações, mentalidades, emoções, desejos e repulsas de um tempo e de uma época na história, podendo assim responder a muitas questões colocadas pelo historiador.

Acredita-se que “ler é escolher. Esse é o sentido primitivo do verbo lego, legere, seja em grego, seja em latim. (JÚNIOR, 2017, p. 09). Diante disso, a literatura na sala de aula é uma escolha do professor, esta se destaca enquanto promissora possibilidade de fonte histórica, já que toda produção literária é fruto de um tempo, de um contexto e de uma perspectiva social de um autor. Por tudo isso a literatura tem muito a dizer aos historiadores que se propõem analisá-las.

As relações entre História e Literatura são interessantes, muitos autores vêm discutindo ao longo da história o verdadeiro conceito da palavra literatura. Em seu livro *Direito a Literatura*, o escritor Antônio Candido (1995, p.20) destaca: “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de escrita das civilizações”. Desse modo, podemos pensar a literatura como a arte de escrever, de criar, de contar e recontar logo qualquer trabalho que envolva tais elementos faz parte da mesma.

Sabemos que a literatura é uma arte, a arte de criar, de produzir o que é belo e também de contar a realidade de um povo, através de histórias. Sendo um produto social, histórico e cultural ela adentra as paredes das escolas, mas ainda precisa ganhar mais espaço no currículo escolar. Atualmente o ensino de literatura ainda não possui um espaço definido na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias, ou seja, a literatura ainda não é considerada uma disciplina, entretanto, é estudada dentro da língua portuguesa.

“Onde buscar a clareza, senão com a leitura dedicada, com o aprendizado demorado, metucioso, que necessita de dedicação, para a necessária deglutinação do conhecimento”? (JÚNIOR, 2017, p. 09). Por isso, a leitura é algo fundamental para o desenvolvimento

intelectual e cultural, a leitura literária humaniza, cria homens políticos, democráticos, cidadãos conscientes e engajados no meio em que vive. É por isso, que a escola, como instituição formadora de pessoas, precisa está ciente do seu papel quanto a valorização da literatura dentro do ensino.

A literatura ocupa a condição de objeto da história da história e cumpre, por isso cabe salientar que

quanto à relação da literatura com os objetos de estudo da história – estudo de processos políticos ou econômicos, de mentalidades, do imaginário, de formas de vida, de relações de poder – há uma maior ou menor aproximação dependendo do autor e de seu tema. Há obras que contam histórias muito pessoais e únicas ou histórias fantásticas. Por outro lado, inúmeras obras expressam, através da trama e dos personagens, valores, visões de mundo, pensamentos de grupos sociais, relações sociais e políticas localizadas no tempo e no espaço. (ZECHLINSKI, 2003, p.07)

Diante dessa perspectiva, entende-se que o discurso literário é uma perspectiva, uma ótica possível de um determinado período histórico podendo refletir mazelas e problemas sociais pouco compreendidos no presente ou alvo de debates efervescente na contemporaneidade. A literatura é múltipla e diversa e se reelabora e se reinventa de acordo com a abstração e criatividade de quem a manuseia, tudo isso porque a literatura é construída de palavras e “a palavra sempre se desvencilha de nossas tentativas de fazê-la retornar ao estado de dicionário”. (JÚNIOR,2017,p.08) Nisso reside sua riqueza desafiadora.

A literatura deve ser interpretada considerando-a, como produto de uma sociedade, de um tempo e de um espaço social, uma vez que

em muitas narrativas literárias, através dos personagens são resgatadas vidas do passado ou do presente, porque, mesmo que eles não tenham existido na realidade, representam pessoas reais. Essas histórias pessoais foram construídas dentro de contextos. (ZECHLINSKI, 2003, p.07).

<

Partindo desse sentido, conclui-se que é esse caráter narrativo em tom de resgate e denúncia onde reside a riqueza da literatura enquanto fonte histórica e testemunho histórico, pois é a partir disso que é possível compreender características de uma sociedade, analisando questões sociais. Toda narrativa é fruto de uma escolha, de um tempo e de um espaço determinado.

Enquanto testemunho histórico é fundamental contextualizar a produção literária em torno de determinados debates socialmente e culturalmente localizados, analisando-o como elemento construído a partir de um espaço de elaboração. Assim sendo,

é preciso destacar, ainda, que mesmo em histórias fantásticas às vezes é possível perceber uma crítica social ou uma relação com a história. A profundidade reflexiva e o nível de crítica da obra dependem das aptidões do autor. Este, dependendo do tema de seu enredo, precisará pesquisar e investigar tal qual o historiador, para que sua trama faça sentido. (ZECHLINSKI, 2003, p.07).

Considerando tal afirmação, compreende-se que literatura é investida de sentido e significado, por isso toda produção literária pode ser material para debate e compreensão de um dado contexto político, social, econômico e cultural. As páginas literárias são possibilidades de trilhas de todo historiador tomado pelo espírito investigativo e de busca pelo real, pela subjetividade e pelas marcas do humano em períodos distintos. Na impossibilidade de analisar as muitas produções literárias indicadas para serem trabalhadas em sala de aula, será tomado foco de análise produções literárias de Alex Polari e Graciliano Ramos.

1. Entre palavras e Memórias: Tecidos literários

A literatura versa sobre a vida, vivida e experienciada. Páginas doloridas da história do Brasil serviram de inspiração para compor produções literárias fantásticas. O poema Os Primeiros Tempos da Tortura é produto dessa relação.

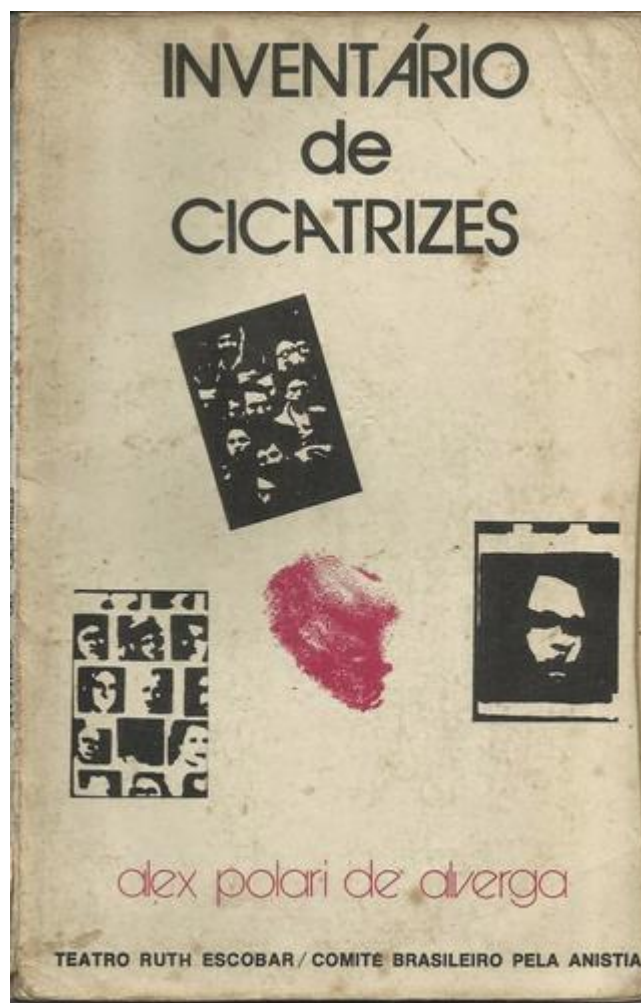
Os Primeiros Tempos da Tortura
Não era mole aqueles dias
de percorrer de capuz
a distância da cela
à câmara de tortura
e nela ser capaz de dar urros
tão feios como nunca ouvi.
Havia dias que as piruetas no pau-de-arara
pareciam rídiculas e humilhantes
e nus, ainda éramos capazes de corar
ante as piadas sádicas dos carrascos.
Havia dias em que todas as perspectivas
eram prá lá de negras
e todas as expectativas
se resumiam à esperança algo cética
de não tomar porradas nem choques elétricos.
Havia outros momentos
em que as horas se consumiam
à espera do ferrolho da porta que conduzia

às mãos dos especialistas
em nossa agonia.
Houve ainda períodos
em que a única preocupação possível
era ter papel higiênico
comer alguma coisa com algum talher
saber o nome do carcereiro de dia
ficar na expectativa da primeira visita
o que valia como um aval da vida
um carimbo de sobrevivente
e um status de prisioneiro político.
Depois a situação foi melhorando
e foi possível até sofrer
ter angústia, ler
amar, ter ciúmes
e todas essas outras bobagens amenas
que aí fora reputamos
como experiências cruciais.

Este poema integra o livro *Inventário de Cicatrizes* é um livro de poemas, escrito por Alex Polari de Alverga e publicado no ano de 1978. Tal produção é produto de uma vivência dura de cárcere, inspiração de suas vivências no período em que foi perseguido e preso pela Ditadura brasileira.



Alex Polari. Foto: Revista Trip



Capa da primeira edição de Inventário de Raízes.
Imagem: Domínio Público

Alex Polari retrata os horrores da tortura, no contexto dos anos de Chumbo, sem atenuar, sem usar eufemismo se vale de uma linguagem forte e descritiva. A dor e a indignação pulsam em cada verso e em cada estrofe, fazendo o leitor sentir a atmosfera de tristeza e sofrimento que assolava as prisões naquele contexto.

O título nos sugere que o contexto que trata o texto é bem demarcado, o início da operacionalização da tortura como meio de lidar com os adversários e ameaças ao regime.

Com seis estrofes e trinta e seis versos, o poema “Os primeiros Tempos da Tortura” relata sentimentos vivenciados em sessões de tortura. O referido assunto é tratado de forma ampla e contempla muitas faces dessa questão. O narrador faz uma dura denúncia da tortura, isso ocupa os versos da primeira a quarta estrofe. Uma tortura que fere e reduz o homem a

condição de animal, desprovido de qualquer dignidade. No entanto, o narrador torturado ainda manifesta uma frágil esperança de recuperar a dignidade da condição humana livre.

A tortura da ditadura arruinou indivíduos, instaurou um viver sem perspectiva e sem esperança, a única coisa boa que se podia esperar do amanhã era “não tomar porradas nem choques elétricos”. A desesperança foi instalada, o único plano era tentar sair bem daquela sequência de ataques ao corpo e a alma.

Os torturados tinham sua privacidade invadida, despidos de roupa e de qualquer direito seu corpo era punido, essa realidade fica clara na poética de Polari “ainda éramos capazes de corar ante as piadas sádicas dos carrascos”. Mesmo em face de tanta humilhação e ataque a dignidade os torturados ainda eram capazes de se indignar, sentindo-se envergonhados e humilhados diante das cenas de tortura. Percebe-se a existência de uma resistência e luta do preso, o narrador teima e luta resistindo para não entregar sua humanidade nas sessões de tortura.

Lendo o poema, tem-se a nítida ideia da perda da identidade dos indivíduos torturados. As sessões de tortura parecem ter sido construídas para corpos brutais, animais. É um claro retrato da animalização do sujeito, da objetificação do corpo e da vida, o eu poético se coloca como um indivíduo aniquilado em sua subjetividade, seu eu está sendo aniquilado por uma máquina profissional, a máquina da tortura.

Nos versos do poema encontra-se uma ânsia de um reencontro identitário, já que a prisão e a tortura fragilizou e ameaçou a identidade de cidadão livre e de sujeito social e todo esse otimismo aparecem ligados as visitas e a identificação como preso político.

A ditadura criou um sistema de prisão totalmente arbitrária, os prisioneiros buscavam enxergar “um status de prisioneiro político”, pois o que viam era uma degradação de ideologias e vidas através de corpos nus, que coravam com ações de profissionais alinhados a responsabilidades e serviços do Estado.

Nesse cenário é importante destacar a perspectiva de Alfredo Bosi que investe na relevância de ler a poesia e compreende-la não de qualquer forma ou a ermo, para ele a interpretação da poesia deve se dar a partir das imagens. Essas imagens são fundamentais, pois o próprio poeta cativa imagens, de cunho real ou fictício. As imagens (re) laboram a memória, pode ser imagens de indivíduos, de sentimentos, de acontecimentos entre outros.

O real e o irreal estão construídos na poesia a partir das figuras de linguagem e nesse sentido Bosi salienta a importância das metáforas, pois elas criam de forma alegórica os sentidos, as significações e emoções. A metáfora ela institui as representações.

O escritor, o poeta enfim ele é artesã de sentidos, pois em seu textos ele descreve experiências vividas e até mesmo não vivenciadas, mas que foram desejadas. O poeta imprime muito o que poderia ter sido, o que poderia ter acontecido e não ocorreu. Assim ele faz pulsar a dor, o horror, a melancolia, a esperança e as buscas.

Durante os anos de 1971 a 1980 Alex Polari esteve na prisão em função de sua participação em uma organização dita clandestina a chamada Vanguarda Popular Revolucionária. Tal organização ficou famosa nas páginas de jornais e manchetes de televisão pela ação de sequestro de uma figura pública, Ehrenfried Von Holleben, na época o embaixador alemão. No texto literário o escritor coloca realidade, mas também a alma em um jogo sincrônico. A forma de ler e interpretar uma poesia é socialmente e historicamente localizada, Bosi mostra muitas formas de ler a poesia, todas orientadas por uma atmosfera de um determinado espaço e tempo.

Partindo da análise e perspectiva de Bosi, percebemos que o poema em análise ela integra um tempo histórico, como fica claro no próprio título, e não pode ser reduzida a um resultado de uma ideologia dominante. Por que não pensá-la como um contrapelo.

Este poema é marcado pela identidade do autor, impregnada de sentidos e que muitas vezes pode resultar em algo sem lógica aparente, por ser resultado de construções da mente e da alma do poeta. Principalmente ao apresentar esse texto para alunos do ensino médio é fundamental atentar para o sentido de cada termo e construção, já que em um texto quando nos voltamos para o sentido dos termos e palavras “teremos a exata medida do apego ao texto eu nos leva a analisá-lo”. (JÚNIOR, 2017, p.11). Para estudantes e leitores essa poesia pode ser uma tarefa fascinante e enriquecedora.

Ao lidar com poesia é preciso “reanimá-la mais do que convertê-la, reativar seu poder expressivo, ela ordena-lhe apenas para obedecer-lhe” (DUFRENNE, 1969, p.50). Percebemos no poema “Os Primeiros Tempos da Tortura” uma essência e caráter de luta e denúncia dos horrores da tortura, através de versos carregados de metáforas e ironia, o cotidiano da prisão, da perseguição, e do sistema de tortura, como um todo, orquestrado pela ditadura.

Nas entrelinhas de “Os Primeiros anos da Tortura” percebemos enxergar uma discussão sobre identidade, sobre a desconstrução e metamorfose da identidade do sujeito. A tortura e seus reflexos transformam o homem, antes sujeitos de direitos em um animal alvo de um processo de domesticação. Diante disso, é importante pensar que falar sobre identidade e sua respectiva delimitação conceitual, contudo, é bastante complexa, por envolver muitos espaços de elaboração.

Não se pode negar que identidade não é simplesmente um saber ser ou saber a que espaço você pertence. Envolve produção, reconhecimento e elaboração.

a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p.08)

Considerando tal assertiva infere-se que identidade é um processo de produção de sentido, sendo entre outras coisas instáveis e inacabadas e a formação de identidades, está sempre ligada por algum sistema de representação, que serve de alguma forma como sustentação, as produções de identidade são envolvidas, também, por relações de poder. Assim, identidades são produzidas por meio de interesses, de correlações de forças, de relações de poder.

Em meio às elaborações e transformações da nada é ingênuo, tudo é realizado por interesses de pessoas, instituições e grupos. Isso pode ser aplicado a máquina da tortura, suas organizações e sentidos. Em suas ações e objetivos a tortura tinha uma ideia de cidadão e de homem a ser construído A produção de identidades envolvem etapas e alguns movimentos:

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e lingüísticos, nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade. (SILVA,2000, p.04)

Na perspectiva de Silva a produção de identidades atravessa dois momentos distintos, que ele chama de movimentos. O primeiro movimento se refere a fixação das identidades, nessa etapa ocorre a exposição e aceitação das identidades produzidas. É uma espécie de etapa introdutória, mas que garante uma cristalização, por assim dizer do teor das identidades.

Já no segundo movimento, verificam-se os riscos de desestabilização e alteração do teor das identidades produzidas. Esse segundo momento fica claro na descrição do contexto e do cotidiano da tortura por Alex Polari. Isso porque “as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupas”.(BAUMAN, 1998, p.112-113). , assim sendo

geralmente, as identidades concorrem para a fixação e sobreposição, mas, as características constitutivas das mesmas não excluem seu caráter instável e a sua capacidade de transformação.

Nessa direção é importante salientar que Stuart Hall foi um dos mais importantes teóricos no campo de estudos sobre identidade. Para ele a produção de identidades requer tempo para que ela se fixe.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". (HALL, 2003, p.11)

Partindo dessa perspectiva é possível afirmar que a construção de qualquer identidade não é um processo simples e rápido, ela envolve tempo. Portanto, a construção de qualquer identidade não é um processo simples e rápido. A ditadura produzia e destruía identidades, a partir de interferências no corpo e na mente. Acontecia uma verdadeira animalização do indivíduo, essa realidade é revelada pelo sujeito poético por meio de termos como “urros”, que revela dor, sofrimento e brutalidade.

Na verdade o sujeito poético nesse poema vive uma tensão entre humanidade e animalização. Temos a ideia que, apesar da animalização exercitada nas sessões de tortura o sujeito poético é humano, frágil e esperançoso. Inserido em um ambiente duro com carrascos sádicos, o narrador sonha com a volta ao convívio social nos moldes de uma vida livre e comum.

A ditadura atacava o psicológico do sujeito de forma muito invasiva, isso porque o inconsciente é uma esfera importante em processos de desestabilização de identidades. As identidades são formulações que buscam abarcar e dar conta de experiências próprias e vividas por lugares e pessoas, a fim de particularizá-los e criar um sentimento de identificação e pertencimento para com determinadas realidades e questões.

Ademais, as identidades são construídas e ao longo das apropriações e sofrem modificações e influências. Nesse sentido, percebe-se que o processo de formação das identidades tem um início demarcado, mas não tem um fim estanque, estando em constante transformação. Por isto, Hall fala em nascimento das identidades, mas destaca o processo de constante reelaboração das mesmas, que para ele estão sempre em estado de incompletude.

Toda essa idéia de identidade é tecida através dos fios sensíveis da memória. Compreende-se que a memória surge de um claro “embate entre a subjetividade do espírito e a exterioridade da matéria, que, por sua vez, se apresenta como obstáculo à emergência dessa

lembrança” (DE SALLES OLIVEIRA, 2013, p.92). Assim sendo, a passagem dos tempos, também traz conflitos mentais e culturais para sociedade e os sujeitos.

As memórias da Ditadura Militar estão entre a fronteira do lembrar e do esquecer, sendo rememoradas a partir de intencionalidades. “sabemos que o passado nunca é recuperado; apenas é possível obter interpretações desse passado, influenciadas pelas vivências do presente, e também pelas questões levantadas pelo entrevistador”. (RECH, 2008, p.49). Muitos dos sujeitos preferem dizer que não se lembram de muita coisa, que faz tempo e que se esqueceram dos detalhes e dos acontecimentos, mas temos os que lembram e deixaram registrados e escritos páginas duras e dolorosas de um pretérito marcante na alma.

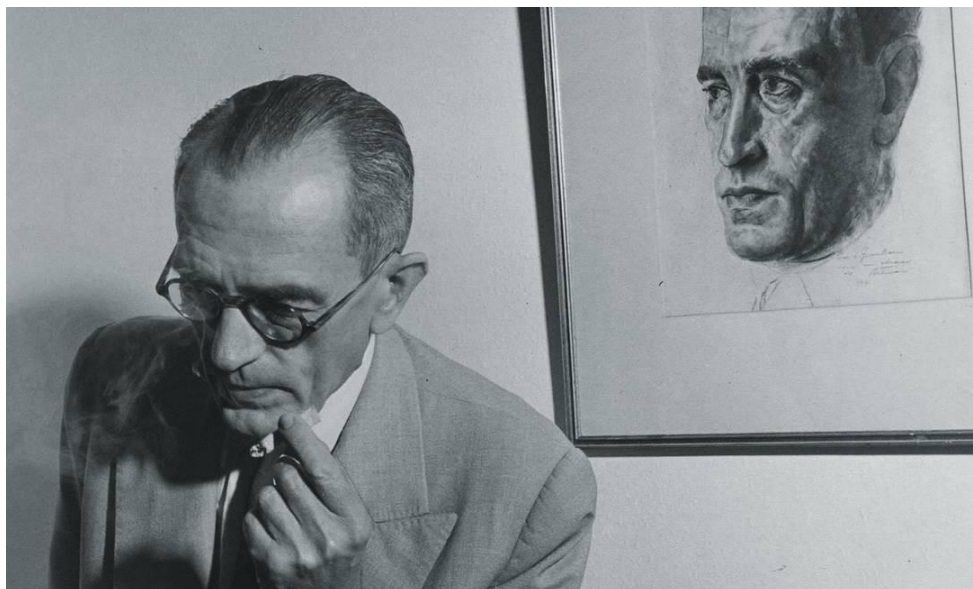
Tais embates da memória é percebido nitidamente em produções literárias, principalmente do gênero memória. Em o poema “Os Primeiros Tempos da Tortura” percebe-se uma memória dolorida de atos desumanos. Ações que atingiam o corpo e dilaceravam a alma. Sobre esta questão termos como, cela, capuz e ferrolho são reveladores, indicando ações de interdicação do corpo e da vida. O físico e o psicológico são atacados, começando pelo olhar abafado pelo do capuz. O cuidado com a visão era o desejo de preservar o rosto dos algozes.

Nas linhas do poema percebemos práticas de tortura, as cenas são construídas com imagens de objetos como capuz e de sentimentos como o terror, “um sentimento que não é mais do poeta que nosso, um humano sentimento de pungentes memórias, de arrepiante horror, de melancolia”(…).(BOSI, 1996, p.09). É um sentimento de todos que sentem-se revoltados e injustiçados diante de uma memória mal resolvida.

A ferida não cicatriza. Enquanto não forem justificados e reparados, a ferida não deixará de sangrar. Por isso ao ser estudado em sala de aula a ditadura precisa ser debatida, repensada e questionada para além da perspectiva do livro didático e a literatura pode ser um maravilhoso subsídio. Ao tratar da ditadura militar no Brasil, por exemplo, a memória perpassada pelos livros didáticos tem muita relevância, prestígio e alcance no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, é nesse momento que talvez os alunos irão manter o primeiro e talvez o único contato, com este tema. E estes que só terão acesso a esse material, o receberão como uma “verdade” absoluta dos fatos acontecidos, caso o professor trabalhe o conteúdo do livro didático sem uma reflexão crítica.

A produção literária de Alex Polari é uma excelente ponte para unir História, memória e literatura em sala de aula. E não só esse autor, mas muitos outros como por exemplo Graciliano Ramos em seu fantástico conto A prisão de J. Carmo. Ambas as obras são memórias de autores, sujeitos que sentiram na pele a força autoritária do estado, mas de formas distintas.

Graciliano é autor de diversas obras respeitadas e consagradas, sendo este um dos maiores escritores da literatura brasileira.



Graciliano Ramos. Foto: Kurt Klagsbrunn.

A literatura de Graciliano é impregnada de sentido social e pessoal, muitos das suas vivências pessoais inspiraram produções, como por exemplo o tema “prisão” aparece em textos seus como A prisão de J. Carmo Gomes, um dos seus mais comentados contos.

O conto em questão integra a fase do Romance Regionalista do Brasil, e apresenta os conflitos sociais e emocionais de D. Aurora, uma mulher integralista, em relação ao seu irmão J. Carmo Gomes, que é comunista convicto. Como um bom regionalista Graciliano traz para seus textos a discussão da animalização do homem, construindo uma versão crítica das relações políticas e sociais.

No conto A prisão de J. Carmo Gomes Graciliano deixa claro como o meio social e político pode se colocar opressivo para o homem, ou seja, o Homem pode ser hostilizado pelas condições do contexto em que vive. Isso fica claro na postura da personagem D. Aurora, temendo acusações de infidelidade ao Estado e oportunismo por esconder o inimigo dentro de sua residência, D. Aurora toma a decisão de denunciar seu próprio irmão à Polícia. Isso mostra a perda da identidade familiar, onde as pressões do meio e do Estado acabam redefinindo a identidade das pessoas. (COUTINHO, 2007)

A narrativa deste conto denuncia um Brasil perpassado por desigualdades sociais, sendo uma fonte de estudo e reflexão de um país que viveu e presenciou o descaso do poder público diante dos direitos da população e a forte opressão militar, evidente na prisão de

Em meados de 1930 Graciliano Ramos foi preso em Maceió, acusado de subversão ao Estado e de participar de organização Comunista e posteriormente transferido para uma outra unidade prisional no Rio de Janeiro. Sua prisão foi dura, tendo muitos elementos próximos de uma possível tortura. O escritor foi privado de direitos fundamentais, tendo seu psicológico muito abalada enquanto esteve na prisão.

Tanto em Alex Polari como em Graciliano Ramos percebemos uma denúncia de um drama social e psicológico que determina a personalidade do Homem, destruindo sua identidade e sua dignidade.

Polari e Ramos são sujeitos que falam de espaços e de tempos diferentes, mas trazem sentimentos em comum como tristeza, medo e prisão. Os dois impregnam nas linhas de seus textos uma liberdade tolhida. Para os alunos essas leituras são imprescindíveis, tendo muito a contribuir já “os leitores articularam os poemas lidos à sua vivência afetiva, a seus conflitos, desejos e sentimentos” (ALVES, 2014, p.111). Assim sendo o diálogo com esses autores é uma oportunidade de adentrar questões que envolvem a sociedade e os seus pares.

Ramos é um alagoano e Polari é paraibano. Portanto, falam de espaços distintos e também de situações diferentes. No conto A Prisão de J. Carmo percebemos uma poética de angústias. Em Inventário de Raízes Alex Polari fala da tortura sofrida, estando na prisão por ser membro de uma organização clandestina, a chamada Vanguarda Popular Revolucionária. Ao trabalhar tais obras, o professor deve estar ciente que “é possível realizar um trabalho com o poema visando um envolvimento mais significativo com o texto, fugindo do modo tradicional de ensinar um saber sobre literatura, centrando-se na vivência corporal dos poemas”. (ALVES, 2014,p.112). Isso nos mostra que a forma do professor apresentar a literatura para os alunos é a chave para o progresso do ensino e aprendizagem.

Diante disso o livro Inventário de Cicatrizes pode ser um grande aliado do professor em sala de aula para estudar a literatura uma vez que o discurso literário é um tecido cultural e ao falar de cultura estou falando de história, já que “a história é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e cultural” (PROST, 1998, p.136). Por isso, Inventário de Cicatrizes traz em seu bojo a denúncia de conflitos e tramas sociais e políticas muito cara ao pesquisador, ao professor de História, ao aluno e toda a sociedade.

Considerações Finais

Diante do exposto, fica evidente a abrangência do tema. Não tendo o intuito de esgotar os debates, mas sim provocar novos olhares pode-se afirmar que um dos maiores desafios entre os professores, no que diz respeito a educação é associar a aprendizagem e o contexto sócio-histórico-cultural, aos processos de ensinar e aprender de forma significativa, por isso é desafiador falar de ditadura a partir da literatura, nas salas de aula do ensino médio. No entanto, não é impossível pois o processo de ensino e aprendizagem é uma ação de extrema importância, mas não é segura, no sentido de que não há garantias de que haverá aprendizado em meio a um ensino.

É imprescindível mobilizar esforços e agir, sendo cada vez mais notório a necessidade de acontecer na escola e na disciplina de História a produção de um conhecimento dinâmico e não um saber estático. Tal conhecimento é produto do processo de ensino e aprendizagem, onde se dá a construção do conhecimento histórico.

Os textos literários de Alex Polari, aqui analisado bem como o de Graciliano Ramos, traz para a aula de História a possibilidade de contextualizar a tortura da ditadura militar e a realidade das prisões políticas, uma questão atual que precisa ser discutida em sala de aula. Essas produções literárias trazem uma vivacidade para as análises acerca do papel do Estado e suas transformações ao longo dos períodos históricos.

Trazer a análise e estudo literário para alunos do Ensino Médio é fundamental, considerando que o percurso de aprender história envolve o conhecimento de si e do mundo, um dos benefícios da incorporação da Literatura no ensino de história é a capacidade criativa de despertar no alunado a curiosidade e um saber significativo, que não permita um aprisionamento intelectual, pois ele está em constante busca e em constante desejo de se redescobrir a si mesmo e ao espaço ao seu redor, de modo que a escrita literária possui o atributo de instigar este processo de ensino de forma crítica e reflexiva.

Referências

ALVES, José Helder Pinheiro. Uma proposta de leitura de poesia a partir do acervo do PNBE. **Educar em Revista**, n. 52, p. 103-119, 2014.

ALVERGA, Alex Polari de. **Inventário de cicatrizes**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro pela Anistia, 1978.

- ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998
- BOSI, Alfredo. Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexões. In: BOSI, Alfredo (org.). **Leitura de Poesia**. São Paulo, Editora Ática, 1996
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: educação para vida**. Vida e Educação, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006
- COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na prosa e ficção. In: **Introdução a Literatura no Brasil**. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DE SALLES OLIVEIRA, Paulo. Sobre Memória e Sociedade. **Revista USP**, n. 98, p. 87-94, 2013
- DUFRENNE, Mikel. **O poético**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora Globo S.A, 1969.
- JÚNIOR, Milton Marques. Ler poesia: Memória e Anamnese. In: AMORIM, José Edilson de. Estudo com poesia. João Pessoa: EDUFCEG/Bagagem, 2017
- PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo mundo mundos nuevos**, n. 6-2006, 2006
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades escrita e leitura da alma. In: **Sensibilidade na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (org). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 134-137
- RAMOS, Graciliano. A prisão de J. Carmo Gomes. In **Insônia**. 19 ed., Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 1984.
- RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de história. In: KARNAL, Leandro. **História na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2003.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

VIEIRA, Luanna Michaelly Soares Rodrigues; AMORIM, José Edilson de. Memória e Ditadura: Diálogos com a Literatura. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, Julho/2021, vol.15, n.56, p. 628-643, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 21/07/2021;

Aceito: 27/07/2021.